

## **A QUESTÃO DA TRANSFERÊNCIA NA INSERÇÃO DE PRÁTICAS DE PROBLEMATIZAÇÃO SOCIOCULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR**

Elizabeth Gomes Souza – Anne Gleicy Gomes Pinto

[elizabethgs@ufpa.br](mailto:elizabethgs@ufpa.br) – [annegleicy19@gmail.com](mailto:annegleicy19@gmail.com)

Universidade Federal do Pará - Brasil

Núcleo temático: ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Modalidade: COMUNICAÇÃO BREVE (CB)

Nível educativo: FORMAÇÃO E ATUALIZAÇÃO DO ENSINO

Palavras chave: Práticas de Problematização Sociocultural; Futuros professores; Transferência.

### **Resumo**

Este artigo analisará as inserções de práticas de problematização sociocultural por futuros professores dos anos iniciais do período de escolarização do Sistema Educacional Brasileiro. Tais práticas compreendem a problematização de assuntos não disciplinares no contexto escolar. Essa inserção traz em debate conceitos como a função da escola e as implicações da ideia de transferência discutida inicialmente pelas autoras Jean Lave e Etienne Wenger. Como método de produção de elementos empíricos para fundamentar a análise realizada, escolhemos a observação. Nessa direção, uma prática implementada em sala de aula com crianças compõe o material empírico analisado. As análises tematizam as implicações para a ideia de transferência quando se objetiva inserir práticas não escolares em um contexto escolarizado.

### **1. Práticas socioculturais no contexto escolar**

Este estudo apresenta reflexões sobre a inclusão de práticas indisciplinadas de problematização cultural no contexto escolar por futuros professores dos primeiros anos de escolarização do sistema educacional brasileiro. Tais práticas compunham a ementa de um projeto de pesquisa desenvolvido durante seis meses, com os referidos participantes na Universidade Federal do Pará, região amazônica do Brasil.

O projeto consistia em discutir junto com os graduandos, estudos teóricos e práticos sobre a constituição das disciplinas escolares brasileiras, parâmetros curriculares nacionais adotados, cultura escolar, currículo, livro didático, práticas socioculturais práticas indisciplinadas, entre outros. Como culminância do projeto, os graduandos deviam elaborar e implementar uma prática de natureza indisciplinar em escolas da rede pública municipal ou estadual da cidade.

A expressão “práticas de problematização sociocultural” foi elaborada por Miguel, Vilela & Moura (2010, 2012) e está presente nos estudos de Nakamura (2014) e Miguel (2014). Trata-se de uma proposta de transgressão da visão de escola como transmissora de conteúdos disciplinares estáticos, a-históricos, etapistas, lineares e hierárquicos.

Tal expressão pode também compreendida como práticas Indisciplinares de problematização cultural, no sentido que busca apresentar e discutir práticas situadas de atividade humana no contexto escolar sem buscar moldá-la ao currículo escolar disciplinar.

Este estudo está fundamentado teoricamente nos estudos de Jean Lave e Etienne Wenger (1991) sobre Aprendizagem Situada e a pesquisa de Jean Lave (2002) sobre a questão da transferência.

Os referidos autores apresentam um quadro teórico amplo que compreende aprendizagem como um processo situado de participação coletiva em práticas sociais. Tal ideia se contrapõe a concepções de aprendizagem cognitivas e individuais e apresenta a constituição humana como processo contínuo de participação coletiva em atividades humanas.

Assim, aprendizagem situada corresponde a compreensão de que somos seres que localmente pertencemos e participamos de práticas socialmente compartilhadas. Lave (2002) destaca que tal participação é situada no tempo e no espaço, portando a natureza dessa participação não é passível de ser reproduzida fora do seu contexto de inicial de produção, ou seja, fora da prática.

Jean Lave estudou como os sujeitos desenvolviam diversas atividades fora do contexto acadêmico. Em Lave (2002) a autora apresenta, por exemplo, práticas de compra no supermercado e como os sujeitos acionam ações que são situadamente constituídas, ou seja, procedimentos legítimos e válidos somente *na* e *para* específica situação de compras em um supermercado.

Lave (2002) aponta que os sujeitos da pesquisa não acionaram conteúdos e procedimentos matemáticos e/ou científicos para resolverem seus problemas *no* supermercado, não ocorrendo portando a transferência de conhecimentos. Diante disso, a autora põe em dúvida a concepção de que aprendizagem não é situada e por isso, poderia então ser transferida de uma prática para outra.

Tematizar a aprendizagem situada para o campo da escola e a proposta de inserção de práticas indisciplinadas nos conduziu a discutir o conceito de disciplina escolar e sua constituição *situada* na cultura escolar.

O termo disciplina surgiu no século XVII e possuía o status de regulador social, nesse período o termo era utilizado no sentido de disciplinarizar, treinar o comportamento social, mantinha toda uma rigidez considerada aceita na época.

Já no século XIX, a expressão disciplina foi inserida no ambiente escolar e passou a ter relação direta com os conteúdos escolares, assumindo assim todo um caráter escolar (Julia, 2001), porém a finalidade da disciplina não se dissipou de sua finalidade que é regular, treinar, homogeneizar e constituir todos os sujeitos de uma única maneira.

Chervel (1990) afirma ainda que os conteúdos são apenas um dos artefatos utilizados para o alcance de um fim, que neste caso seria *a construção do conhecimento*. Este movimento faz parte da construção do conhecimento dito ideal, que teoricamente seria funcional, no entanto não se discutiu para quem ou para quem este conhecimento é essencial e porque ele e não outros conhecimentos são inseridos no contexto escolar.

Essa configuração faz parte da cultura escolar, que é um molde formado dentro do próprio ambiente, criando-se assim, regras, formato e conduta, onde os sujeitos daquele ambiente devem se enquadrar e se submeter a esta cultura / mundo. A cultura escolar forma sua própria comunidade, por isso devemos falar de culturas escolares (Julia, 2001).

A escola elege e trata os conteúdos escolares disciplinares de forma essencialista e com isso, acaba ressaltando uma perspectiva conteudista e disciplinarizante de conhecimento. Essa perspectiva ignora a inserção da sociedade em diversas práticas socioculturais, além das práticas escolares. A escola tem elegido como unicamente importante para o processo de escolarização a transmissão do conhecimento disciplinar.

O processo educativo apresenta-se hoje no ambiente escolar como conhecimento exclusivamente disciplinar, mesmo quando temas e problemas de fora da escola são abordados na escola. Isso porque predominantemente tais temas são moldados e encaixados dentro de uma ou de várias disciplinas escolares. É caso por exemplo, quando é escolhido apresentar situações-problema de práticas sociais de fora da escola com o objetivo exclusivo de abordar os conteúdos disciplinares de geometria previstos no currículo escolar e não de

problematizar a prática social, propriamente. Nesse exemplo, a referida prática é apenas um contexto/ pretexto para abordar os conteúdos disciplinares.

Denominaremos essa ação de disciplinarização da realidade/ das práticas sociais. Knijnik & Duarte (2010) realizam um estudo para identificar os argumentos que fundamentam a defesa da inserção da realidade na abordagem dos conteúdos escolares. Entre os argumentos, as autoras destacaram que a realidade tem sido inserida no contexto escolar, com vistas a dar significado aos conteúdos disciplinares, pois estes seriam vazios e sem utilidade.

Também para as autoras, a contextualização da realidade está enraizada nos argumentos das pesquisas no campo da Educação Matemática, na defesa de que esta ação gera motivação nos estudantes para aprendizagem dos conteúdos disciplinares.

Diante disso, as autoras destacam que os textos que defendem a inserção da realidade no contexto escolar nas aulas de matemática, seja em nível teórico ou prático, não visam tematizá-la, e sim usar a realidade para preencher lacunas de compreensão, motivação e utilidade dos conteúdos disciplinares escolares

Contudo, esse “trazer” a realidade disciplinarizando- a, é uma ação com implicações para a compreensão de escola e de realidade. Primeiramente, a escola se configura como locus de abordagem de conteúdos disciplinares, exclusivamente. Além disso, a realidade é compreendida como entidade transferível, sem qualquer prejuízo de mudança nos contextos de sua tematização.

Com vistas a apresentar uma possibilidade de transgressão dessa maneira de inserir fatos/ temas/ práticas de contextos não escolares para a escola, este estudo abordará a inserção de práticas indisciplinadas de problematização cultural.

O termo indisciplinar deve ser entendido como uma crítica ao ensino disciplinar que é modular, fragmentado e descontextualizado. Nas palavras de Miguel, Vilela e Moura (2010,2012) o termo propõe “a desconstrução das percepções de significação das disciplinas escolares e a inserção de diferentes práticas socioculturais no âmbito educacional”(Miguel, Vilela, & Moura, 2012, p. 7).

Nessa perspectiva, o termo indisciplinar visa abordar a prática humana, sem estar vinculada/ subjugada a qualquer ideia disciplinarizante. Tal perspectiva visa abrir a escola para tematizar e discutir os diferentes campos da atividade humana, com o objetivo de

preparar os estudantes para problematizar tais campos, compreendo suas constituições e seus papéis na vida social mais ampla (Miguel, Vileta, & Moura, 2012).

Na fuga ao molde disciplinar se faz necessário buscar romper com as raízes da tradição enciclopédica de organização fragmentada e intitulada como saber, bem como com a tradição de valorização hierárquica de áreas e de conteúdos do conhecimento. Ambas tem moldado e configurado a cultura escolar historicamente (Miguel, Vileta, & Moura, 2012).

Um dos objetivos do projeto foi discutir e buscar a elaboração de práticas socioculturais pelos estudantes sem vincular tais práticas aos conteúdos escolares. Os estudantes inicialmente, apresentaram dificuldades em conceber práticas dessa natureza, contudo a partir dos estudos e construção coletiva entre os participantes do projeto, essa elaboração foi finalizada à luz de uma perspectiva Indisciplinar.

A pesquisa realizada adotou a observação como método de obtenção de informações sobre a questão de pesquisa, a saber: como a questão da transferência de Jean Lave se coloca na inserção de práticas socioculturais no contexto escolar? Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, fundamentado nas concepções de Flick (2009) que compreende a pesquisa qualitativa como um estudo de natureza descritiva e analítica.

Todas as reuniões do projeto foram gravadas e transcritas. Este artigo é um recorte temporal e temático do projeto mais geral. Neste texto, apresentaremos as transcrições de um aula Indisciplinar elaborada e implementada por Betina, aluna de graduação em Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemáticas e Linguagens. Betina escolheu ser identificada na pesquisa por seu nome próprio.

A aula foi implementada em uma escola pública estadual com crianças do primeiro e do segundo ano do ensino fundamental brasileiro. Na turma havia 20 crianças de idade entre 7 e 8 anos e aula teve duração de 4 (quatro) horas. Betina escolheu problematizar com as crianças, a prática de esportes indígenas.

### **Prática de esportes indígenas**

A graduanda iniciou a aula estruturando as cadeiras dos alunos em semicírculo e perguntando às crianças sobre qual esporte gostam de realizar. As crianças falaram de vários esportes, mas demonstraram não ter nenhum conhecimento sobre os jogos que os índios da região amazônica praticam. A seguir, falas iniciais das crianças com a graduanda Betina.

**Betina:** olá crianças, bom dia! Eu gostaria de saber quais

esportes vocês conhecem? Ou gostam de praticar?

**Criança 1:** tia eu gosto de correr

**Betina:** ah! Corrida

**Criança 2:** eu gosto de ginástica

**Criança 3:** basquete

**Criança 4:** futebol

**Criança 5:** ballet

**Betina:** quem mais? Conhece algum esporte?

**Betina:** alguém conhece os esportes indígenas?

**Crianças em coro:** não!

Nas falas acima, identificamos que as crianças desconhecem os jogos que integram a prática social indígena de sua região amazônica, o que demonstra que a escola não tematiza em sua cultura escolar elementos de sua cultura regional. Na sequência, Betina explicou para a turma que os esportes indígenas ainda são poucos conhecidos, mas que já houve os primeiros jogos indígenas mundiais, os quais reuniram várias tribos para socializar suas práticas esportivas. A graduanda mostrou vídeos para as crianças sobre tais jogos, bem como trouxe fisicamente para sala de aula, alguns instrumentos usados nos jogos.

A inserção de tais jogos como abordagem temática com as crianças que não praticam esses jogos geram novos condicionamentos e significados às práticas de jogos indígenas, ocasionando a criação de novas características sobre a prática humana, nos informa Miguel (2014). A seguir, Betina explica duas práticas de jogos indígenas, o cabo de guerra e o arranca mandioca.

**Betina:** Hoje nós vamos conhecer os esportes indígenas. Quem conhece o cabo de guerra? Vocês já ouviram falar? Vamos conhecer o arco e flecha, a lança peso e o arranca mandioca. Olha essa aqui é a mandioca, vocês conhecem?

**Criança 6:** é batata

**Betina:** não! Batata é menor e amarela, olha pega a mandioca. Mandioca é um alimento que os índios comem muito, da mandioca faz-se a farinha. Quem aqui come farinha?

**Crianças:** Eu!

**Betina:** a mandioca e a macaxeira, elas são raízes. A raiz fica debaixo da terra e para arrancar essa raiz tem que puxar com força. E os índios transformaram essa prática deles em um esporte. E é o que a gente vai fazer hoje também, uma prática que os índios também fazem. Agora todos fiquem em uma fila, e o último da fila vai puxar o colega que está na sua frente, que vamos *simular* a prática do arranca mandioca, igual aos índios.

Quando Betina apresenta a prática esporte de arrancar mandioca, ela explica inicialmente o que seria mandioca e em seguida “simulou” a prática de arrancar mandioca com as crianças. Neste trecho, podemos identificar a “transferência” da prática de arrancar

mandioca para a sala de aula, ocorreu por meio de adaptação, uma simulação de como ocorre a prática desse jogo no contexto original de sua realização.

Tendo em vista que as crianças e a graduanda não integram essa prática, falar dela em sala de aula, requereu mudanças da prática em função de questões relativas ao contexto em que tal prática estava sendo tematizada. Ou seja, em função dos sujeitos (as crianças), do ambiente (a sala de aula), do dia, do tempo, etc.

Lave (2002) destaca que as aprendizagens não são transferíveis porque são situadas. Mas o que ocorre quando visamos inserir tais práticas no contexto escolar? As práticas são adaptadas e os estudantes aprendem sobre a prática em uma prática moldada às características do novo contexto, mas nesse caso, sem disciplinarização. Podemos dizer que mantemos rastros de significação de vivências com prática, problematizando suas próprias percepções (Nakamura, 2014)

A seguir, a graduanda apresentará aos estudantes mais uma prática esportiva indígena, a prática de apanhar o açai<sup>1</sup>.



Figura 1: Criança com a peconha

**Betina:** vocês sabem o que é a peconha?

**Crianças:** Não!

**Criança 8:** é de colocar na cabeça?

**Crianças 9:** é do açai

**Betina:** muito bem! É do açai, como é que apanha o açai vocês sabem?

**Criança 10:** eu sei!

**Betina:** como é?

**Criança 10:** é assim, coloca no pé e sobe na árvore.

**Betina:** isso é uma folha do açazeiro, para fazer essa peconha tem que traçar para ficar bem forte, depois dobra, dá um nó bem forte e vai ficar igual esse. Aí sobe no açazeiro, essa é uma prática dos ribeirinhos e dos índios que foram transformados em um esporte, esse é um esporte e vence aquele que for mais ágil, o mais rápido.

Neste trecho podemos notar que a graduanda apresenta aos estudantes um instrumento cultural utilizado na prática dos jogos indígenas, a peconha. Posteriormente, ela exibiu um vídeo sobre como os índios sobem na árvore de açai para pegar o fruto. Com isso, podemos identificar que essa prática foi inserida no contexto escolar por meio do uso do vídeo, pois os estudantes estavam no contexto escolar. Apesar disso, a graduanda levou um instrumento de grande valor cultural e instrumental na prática de apanhar o açai.

<sup>1</sup> Açai é um fruto de uma árvore de estatura alta para a região amazônica. Apanhar açai significa subir na árvore e retirar o fruto o mais rápido possível, no caso da prática de jogos indígenas.

Os dois trechos abordados acima nos apontam que inserir práticas socioculturais no contexto escolar requer que tais práticas sejam moldadas e contextualizadas a partir do contexto escolar. O objetivo foi abordar as práticas e nesse sentido não houve a preocupação de relacionar as práticas aos conteúdos disciplinares escolares. Com isso, os estudantes da escola pública tiveram a oportunidade de conhecer com detalhes a prática de jogos esportivos indígenas, bem como alguns instrumentos utilizados nesses jogos.

As adaptações realizadas foram adequadas ao contexto escolar. Os estudantes não estavam na prática em si, mas problematizaram ela e conheceram como são realizados os jogos indígenas de sua região.

Em seguida, Betina juntamente com as criança realizaram a confecção de uma peteca feita de palha de milho. Tratava-se dos jogos de peteca que os índios realizam. Nesse caso, as crianças utilizaram o pátio da escola para brincarem de peteca, de cabo de guerra e arremesso de coco, todos jogos indígenas.

### **Considerações Gerais**

Este artigo visou tematizar a questão da transferência, um conceito teórico de Jean Lave (2002), advindo da ideia da aprendizagem situada Lave e Wenger (1991), quando buscamos inserir práticas socioculturais no contexto escolar. Tais práticas nesse artigo foram realizadas em uma perspectiva Indisciplinar.

Podemos observar que as práticas socioculturais de jogos esportivos indígenas foram abordadas de forma simulada e com adaptações em função do contexto em que essas práticas foram problematizadas, a sala de aula.

Todavia, essa questão não se descaracterizou as práticas abordadas e os estudantes puderam conhecer as práticas, os instrumentos utilizados e também *jogar* eles mesmos alguns jogos indígenas tratados em sala de aula, pela graduanda.

A inserção de práticas socioculturais a partir uma perspectiva Indisciplinar não suscita apenas esse conhecer pelos estudantes. Trata-se de propor uma transgressão na orientação curricular da escola e do papel dela como exclusiva transmissão de saberes disciplinares. Por que uma escola da amazônia deve eleger abordar somente conteúdos disciplinares que são cópias dos conteúdos curriculares dos Estados Unidos , o Nacional Council of Teachers of Mathematics (NCTM) e os conteúdos estipulados pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes(PISA)?

Os moradores e estudantes da região amazônica possuem demandas que são situadas e localmente importantes para a qualidade de vida de seus moradores. Somos grandes exportadores de açaí, de pescado e de minérios naturais, mas somos um país subdesenvolvido. A escola tem ignorado as práticas socioculturais como eixo orientador de sua cultura e de emancipação dos estudantes para tratar de tais práticas. Isso tornaria o Brasil talvez, um país produtor de seu próprio desenvolvimento social e econômico.

## **BIBLIOGRAFIA**

Chervel, A. (1990) História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria e Educação. n. 2, pp.177-229.

Flick, U (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Rio Grande do Sul: .Editora S.A.

Julia, D (2001). A cultura escolar como objeto histórico. Revista Brasileira de História da Educação. Campinas: Editores Autores Associados, n. 1, pp. 9 – 43.

Knijnik, G., & Duarte, C,G.(201). Entrelaçamentos e Dispersões de Enunciados no Discurso da Educação Matemática Escolar: um Estudo sobre a Importância de Trazer a “Realidade” do Aluno para as Aulas de Matemática, *Bolema*, v.23., n.37, 863-886.

Lave, J.(2002). Do lado de fora do supermercado. Em M.K.L FERREIRA (Ed), *Idéias matemáticas de povos culturalmente distintos*, , pp. 65-98, São Paulo: Global.

Lave, J. & Wenger, E. (1991). *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. New York: Cambridge University Press.

Miguel,A.,Vilela,D.S.,&Moura,A.R.L. (2012). Problematização INdisciplinar de uma prática numa perspectiva Wittgensteiniana, *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, 20(2), 6-31.

Miguel,A.,Vilela,D.S.,&Moura,A.R.L. (2010). Desconstruindo a matemática escolar sob uma perspectiva pós-metafísica de educação. *Zetetiké*, Unicamp – 18(1), 130-206.

Miguel, A. (2014). Is the mathematics education a problem for the school or is the school a problem for the mathematics education? *International Journal for Research in Mathematics Education*, 4 (2), 12-38.

Nakamura,E,M. (2014). *Problematização indisciplinar de práticas socioculturais na formação inicial de professores*. Dissertação. Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.